

Área do figueiral de Torres Novas diminuiu 86 por cento desde 1987

Projecto de reconversão comprometido por falta de motivação dos agricultores e dos seus filhos

MANUEL FERNANDES VICENTE

A área de figueiral do concelho de Torres Novas, que há 18 anos era de 9000 hectares (ha), está actualmente reduzida a 1200 ha. A redução de 86 por cento da área do figueiral, em que 80 por cento é de figo preto, uma apreciada variedade local, traduz o forte declínio que a exploração do figo está a sofrer no concelho, com a maioria das explorações ainda existentes em vias de serem abandonadas se nos próximos tempos não houver estímulos para reanimar a sua produção. No colóquio sobre a reconversão do figueiral torrejano antontem realizado em Torres Novas, Alexandra Carvalho, da Associação Nacional dos Produtores dos Frutos Secos e Passados, revelou os primeiros resultados de um inquérito aos agricultores que se dedicam ainda ao figueiral e as conclusões não são animadoras.

Além da escassez de mão-de-obra (ou mão-de-obra de

masiado cara), os produtores queixam-se dos elevados custos para manter o figueiral e dos fracos apoios à produção e da dificuldade de escoamento dos figos. Por outro lado, a associação apurou que o regime de minifúndio existente no concelho, onde as figueiras estão normalmente associadas às oliveiras, não permite uma boa rentabilidade. Cada exploração agrícola tem em média quatro hectares, mas há agricultores a apanhar os seus frutos em terrenos com apenas 0,2 ha. A maioria deles tem já idades superiores a 50 anos e, face à falta de interesse dos filhos em prosseguir a actividade que consideram exigente, o abandono completo é nesta altura o cenário mais provável, sobretudo para o figo preto.

Luis Mendes, técnico agrícola e produtor de figos há vários anos, acusou de na própria Feira Nacional dos Frutos Secos, que está a decorrer na cidade até ao dia 9, cerca de 80 por cento dos figos expostos serem turcos, contrariando assim a promoção do figo português. "Em Torres Novas devia fazer-se um Centro de Estudos da Figueira, capaz de estudar as variedades do fruto e as suas doenças - e poder saber-se um

pouco mais sobre elas, visando algumas finalidades práticas. Temos condições edafoclimáticas óptimas, já que a serra de Aire seca o ar que vem do oceano, e a Câmara de Torres Novas devia investir neste sector, que cria riqueza e postos de trabalhos sustentados", defende Luis Mendes. O técnico e agricultor critica ainda a falta de apoios ao cultivo das figueiras e nota que não tem dificuldades em vender o que produz. "Eu não consigo é produzir mais figo, porque ele vende-se bem", garante, enquanto propõe que Torres Novas se institucionalize como a "capital do figo".

As ameaças da mosca-do-Mediterrâneo

Para além das condições económicas e sociais que estão a levar ao rápido declínio da figueiral, os responsáveis do sector estão ainda preocupados com os efeitos negativos que a praga da mosca-do-Mediterrâneo está a trazer para os pomares em geral e, sobretudo, para as explorações de figueiral no concelho torrejano. Jaime Pereira, um investigador do sector, garante que, como outras variedades de frutas, o figo é muito afectado pela mosca-do-Mediterrâneo - que pica o

fruto para introduzir os seus ovos, originando larvas que o farão apodrecer muitas vezes na própria árvore.

"A mosca é um grande entrave à comercialização dos figos, havendo situações em que a quebra de produção é de 100 por cento", esclarece Jaime Pereira. O investigador adianta que a praga pode ser combatida através de pesticidas (luta química), importando inimigos predadores da mosca (luta biológica), atraindo os insectos para armadilhas ou produzindo, como já se faz na Madeira, machos estéreis, que copulam as fêmeas, mas as impedem de reproduzir-se devido precisamente à sua esterilidade induzida. Nenhum dos processos no entanto é totalmente eficaz.

E Luis Mendes apelou mesmo a que não se introduzam os pesticidas ou fitofármacos apontadas no combate à mosca-do-Mediterrâneo na região, pelos evidentes estragos ambientais que poderiam trazer. "Devido a esses medicamentos, actualmente, em Valência (Espanha), as mulheres não podem amamentar os seus filhos e mesmo os homens produzem em média apenas metade dos espermatozóides que os seus progenitores produziam em 1940", argumentou